



O trânsito é sempre caótico na W-2

Mudança na avenida criará mais espaço

A discussão ampla do projeto de modificação da W-3 Sul, com participação da comunidade e demais interessados, foi defendida pelo arquiteto Antônio Carlos Gomes de Oliveira, autor da proposta. A seu ver a maioria das pessoas que está opinando e assinando manifestos contrários à reformulação de toda avenida desconhece os propósitos do projeto encaminhado à Secretaria de Viação e Obras, através da Associação Comercial. Ontem, algumas pessoas consultadas externaram seus pontos de vista mas outras preferem conhecer os pontos principais dos planos de modificação antes de darem qualquer opinião a respeito.

O arquiteto garante que o Projeto de Revitalização da W-3 Sul — como é conhecido oficialmente — não tem como único objetivo engordar os lucros dos comerciantes daquela via, mas transformar toda avenida numa rua agradável, "onde as pessoas possam ir com tranquilidade e desfrutar de um local com praças, monumentos e calçadas". Trata-se, segundo ele, de modificações que englobam a parte cultural e o lazer. "Se fosse somente um projeto visando aumentar os estacionamentos eu me recusaria a fazê-lo", observou.

Antônio Carlos acredita que uma vez posto em prática, o projeto dará à cidade um espaço cultural que ela não tem. Ele distribuiu à imprensa algumas notas contendo considerações sobre seu projeto, nas quais procura esclarecer a população a respeito de alguns pontos polêmicos da proposta. "... muito se escreveu, elogiou-se e questionou sobre o nosso projeto", diz o arquiteto, para acrescentar que "... a grande maioria, não só os diretamente beneficiados pelo projeto, foram favoráveis. Outros foram contrários, talvez defendendo interesses de terceiros ou mesmo interesses contrários à humanização de Brasília".

Mais adiante Antônio Carlos afirma que seu projeto em momento algum extinguiu a área verde da W-3/W-2 Sul, mas ao

Francisco Gualberto



Na W-3, os comerciantes pedem espaço

contrário, aumenta e valoriza a área verde das ruas. "O que propomos — prossegue ele — é que as árvores e vegetações existentes atualmente no canteiro central da W-3 Sul sejam transferidos para o novo calçamento da W-3 Sul. Asseguramos que 80 por cento dessas árvores/vegetações são reaproveitáveis e farão parte de um novo paisagismo a ser implantado por profissional da área, segundo nossa orientação e projeto".

O autor da proposta lembra que o atual estacionamento da

W-2 será extinto (do lado das superquadras) e transferido para a calçada da W-2. Com isso aquela via "que atualmente não passa de um fundo indesejável", segundo as palavras do arquiteto, torna-se uma via com lojas de frente. A sua calçada passa a ser um calçamento integrado à W-3 Sul. Este mesmo calçamento, segundo os planos, irá receber arborização e tratamento paisagístico semelhante à W-3. Ele garante que dessa forma a área verde da W-2 será aumentada. Salientando que o meio justifica o

fim, Antônio Carlos afirma que o projeto não é fruto de especulação imobiliária "ou representante de interesses escusos". A intenção, como ele diz, é integrar a cultura ao comércio e lazer, através da criação de um novo espaço. O resultado, de acordo com o autor, será "uma convivência mais humana entre os habitantes da cidade e os usuários da rua, rua essa que tem história dentro de uma cidade que ainda não se voltou para si por ter se preocupado até agora com as histórias dos outros".

Para o arquiteto a W-3 como se encontra atualmente é bem representativa dos habitantes de Brasília ou seja, passa-se pela rua como passa-se pela cidade. Esta transitoriedade dos habitantes, na opinião de Antônio Carlos, faz com que as pessoas se esqueçam de que Brasília já tem filhos maiores de idade e que aqui se radicaram. "Por que não adequarmos esse espaço de acordo com um urbanismo que nos seja mais representativo, visando tornar mais amena e agradável essa transitoriedade?", indaga. Ele acredita que a negação de tudo isso à cidade faz com que ela pague "um preço altíssimo ao seu modo e qualidade de vida" e sugere ao Governo do Distrito Federal que patrocine uma pesquisa sociológica com os habitantes do Plano Piloto, com o objetivo de verificar "muitas dessas constatações".

O modo de qualidade de vida em Brasília, na opinião de Antônio Carlos, faz com que seus habitantes criem alternativas de lazer acessíveis a uma minoria em detrimento da população geral. "Conseqüentemente diz ainda ele — a cidade carrega o carisma de cidade fria e desumana. Que o digam os turistas que nos visitam. Temos uma das médias de permanência mais baixas do Brasil. O turista aqui não sai do hotel, não passeia a pé. Vê a arquitetura de automóvel e lê política no sofá". Antônio Carlos observa, por outro lado, que o custo da transformação é o que menos importa, interessando apenas a valorização do homem e seu espaço.

Autor do projeto utilizou pesquisa como base

O projeto do arquiteto Antônio Carlos Gomes de Oliveira, foi feito baseado na realidade de uma pesquisa levantada pelo Centro de Assistência Gerencial à Pequena e Média Empresa do DF, conforme explica o autor. Dentro da pesquisa, que visava principalmente a melhor forma de aumentar o faturamento dos lojistas, alguns itens foram considerados. Os comerciantes consultados na época consideraram como primeira prioridade o aumento dos estacionamentos, a propaganda e as promoções coletivas. Este item atingiu 27,5 por cento, na preferência dos lojistas. A segunda prioridade diz respeito à melhoria das fachadas das lojas e aumento do número de retornos na W/3, com 24,9 por cento. A liberação para as paradas de táxis ao longo da avenida atingiu 24,2 por cento, seguido do item "maior número de agências bancárias", e "aglomeração de ramos semelhantes por quadras", com 10 por cento. Em seguida, os comerciantes acham mais importante aumentar o transporte coletivo na avenida e impedir campanha negativa do local através da imprensa, com 18,2 por cento. A não utilização dos estacionamentos por funcionários também foi levada em conta, com 6,7 por cento. Há ainda o item "Outros", com 2,6 por cento, representando reivindicações consideradas menos prioritárias pelos lojistas. Entre estas se en-

contram a inversão do sentido da W/2, criação de condomínio nas quadras, estacionamento semelhante à W/3 Norte, promover reabertura de lojas, retirar oficinas mecânicas e outros não considerados no projeto em questão.

Sem dúvida, esta é a preocupação comercial — afirma Antônio Carlos — mas minha preocupação era promover a humanização do espaço. E como eu penso que o projeto envolve toda cidade acho importante o debate de todos os pontos das modificações. Eu gostaria que as pessoas se manifestassem no sentido de tomar conhecimento das propostas de modificação.

De qualquer forma há muitas restrições de alguns pioneiros e pessoas radicadas em Brasília, pois muitos temem que a Associação Comercial não esteja sensibilizada para a conservação das áreas ver-

des. Este é o caso de Francisco Gomes da Rocha, um cearense que veio para Brasília antes de sua inauguração. "Conheci a W/3 quando o vento formava redemoinhos vermelhos, porque ainda não havia urbanização. Depois, vi as árvores crescendo, a avenida se transformando", diz. Agora ele tem receio que a rua se torne em deserto, se as modificações "não derem resultado". Para o motorista de táxi Domiciano Minervino Ribeiro, qualquer modificação que autorize os táxis a parar na avenida é importante não apenas para os profissionais do volante, mas também para os passageiros. Apesar de trabalhar no aeroporto e utilizar a W/3 muito pouco, Domiciano defende um novo planejamento urbano para a avenida. "Quando eu preciso ir lá tenho que rodar muito, a procura de vaga. Sei também que os colegas sofrem muito porque não

podem parar a todo momento por lá".

Patricia Colela, presidente da Associação dos Sociólogos, também mostra-se bastante cética em relação ao novo projeto elaborado para a W/3 Sul. Diante de tantas modificações que a cidade já sofreu os motivos para apreensão, por parte da comunidade, se justificam, na sua opinião. "É possível que seja mais um projeto feito em função de interesses de comerciantes, sem se pensar na comunidade", afirma. Ela acha muito natural que os diversos segmentos da sociedade se manifestem a favor da área verde, principalmente quando na rua existem árvores plantadas há mais de vinte anos. "Será que estas poderão ser aproveitadas, com a transferência para o calçamento?", indaga Patricia. Mesmo não conhecendo o projeto na íntegra ela acredita que apesar da preocupação do arquiteto em humanizar a rua, o lucro está sendo mais visado pelos comerciantes. "Depende muito do que está por trás disso", afirma.

Patricia afirma não ser a favor do projeto original, por considerá-lo rígido, autoritário e por conter uma série de limitações. Mas nem por isso convém mudar suas feições indiscriminadamente. "Também estou de acordo com o debate do novo projeto. E preciso ouvir as pessoas, entidades e miniprefeituras. Não se pode cair num outro erro".

Luis Marques



Comerciantes debatem o projeto